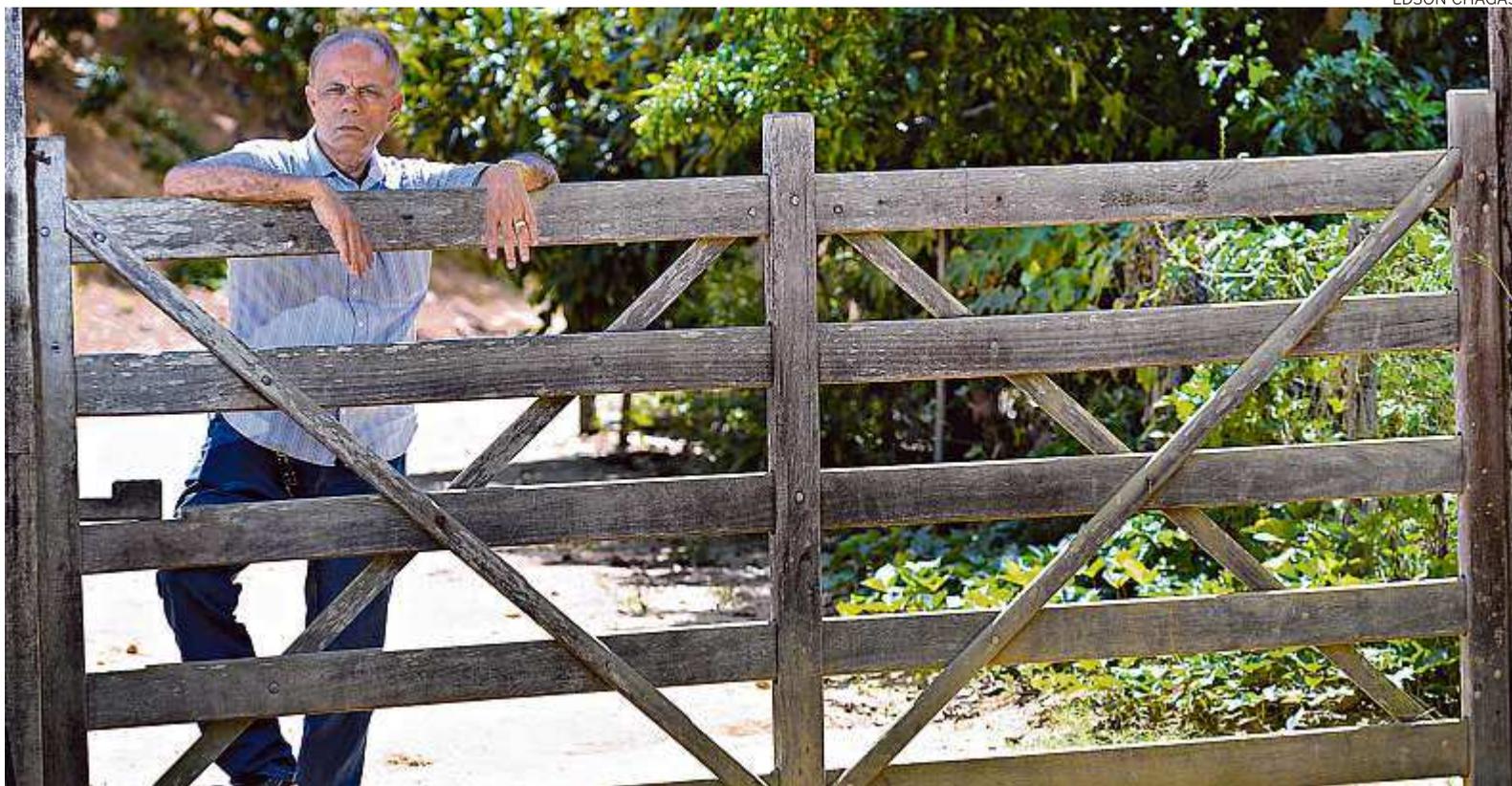


ECONOMIA.

CAIXA-PREITA



DOS



EDSON CHAGAS

“Sou quase um Fidel Castro do sindicato. Já até tentei sair da presidência, mas os trabalhadores me pedem para ficar”

SILVESTRE RIBEIRO DE SOUZA NETO
PRESIDENTE DO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE BARRA DE SÃO FRANCISCO

PODER SEM LIMITES

LEVANTAMENTO MOSTRA QUE LÍDERES SINDICAIS ESTÃO NO COMANDO HÁ QUASE 30 ANOS

MIKAELLA CAMPOS
mikaella.campos@redgazeta.com.br

VILMARA FERNANDES
vfernandes@redgazeta.com.br

“Sou quase um Fidel Castro”. A frase em tom de brincadeira é de Silvestre Ribeiro Souza Neto, presidente há 27 anos do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barra de São Francisco, Noroeste do Estado. Era 1989 quando ele assumiu a instituição que havia falido dois anos antes por má gestão e dívidas volumosas. De lá não mais saiu.

Naquela época, ninguém ouvia falar em e-mails, smartphones e Facebook, nem imaginava que o mundo se tornaria uma grande comunidade conectada pela internet. Mesmo após mudanças significativas no país e no mundo, algumas coisas ficaram intactas: a permanência de centenas de líderes sindicais no poder. Alguns estão perto de completar três décadas. É o caso não só de Silvestre, como também de Odeildo Ribeiro e Adilson Teixeira, que são líderes de sindicatos de trabalhadores do setor de hotelaria.

Levantamento realizado por A GAZETA mostra que 1.130 dirigentes de sindicatos do Estado estão há mais de 10 anos no comando. Característica que não é exclusiva de instituições que representam os trabalhadores. Nos patronais existem exemplos de diri-

gentes com mais de 20 anos no poder, como José Lino Sepulcri, presidente há 23 anos do Sindicato do Comércio Varejista de Veículos e Peças (Sinvepes) e da Federação do Comércio há 12. João Elvécio Faé, presidente do Sindicato dos Varejistas, conduz a organização faz 20 anos.

Ao contrário de quem ocupa cargo no Poder Executivo, que só pode exercer dois mandatos de quatro anos, não há regras federais que limitam a permanência nas administrações sindicais, o que dá a eles a oportunidade de se perpetuarem no cargo. “Preto me candidatar quantas vezes forem necessárias. Só devo satisfação à categoria”, diz Odeildo Ribeiro.

A troca de gestão não é algo

tão simples nos sindicatos. Muitos se fecham à oposição e, quando ela existe, é absorvida para dentro da estrutura em funcionamento, formando chapas únicas no período eleitoral. Poucos líderes sindicais defendem a renovação ou aceitam abrir mão do poder. “Qual líder sindical quer voltar para o canteiro de obras, acordar cedo e comer marmitta?”, pergunta José Leny, ex-presidente do Sintracon de Linhares, afastado do sindicato pela Justiça.

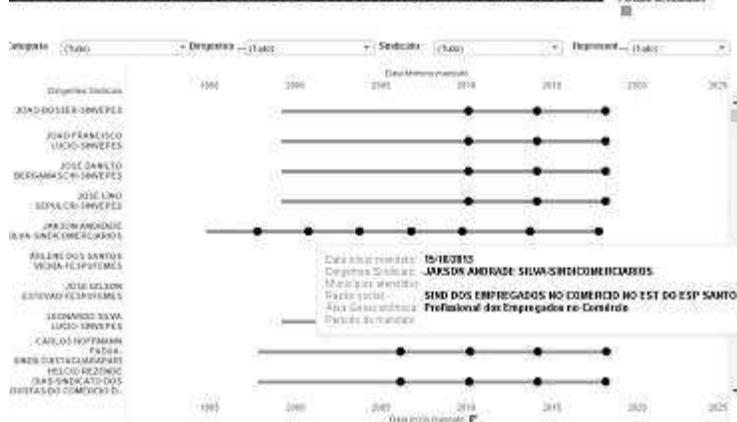
Para manter os cargos, certos líderes utilizam uma série de estratégias. No patronal, a capacidade de se articular junto ao segmento político para atender aos interesses do empresariado é o que vai garantir a presidência por mais tempo.

Na esfera trabalhista, os líderes enxergam no rodízio de cargos uma forma de se perpetuarem no poder. Denúncias que chegam aos órgãos trabalhistas e mesmo à Justiça também revelam a aplicação de regras mais rígidas para as chapas de oposição com a intenção de dificultar o registro eleitoral. Os dirigentes ainda criam “pesquisas eleitorais” em forma de consulta às categorias para conhecer a popularidade e assim eliminar as chances dos opositores antes mesmo da votação.

Eles negam envolver trabalhadores em uma espécie de ditadura sindical. Afirmam que esse tempo no poder são determinantes para o bem-estar dos representados que são beneficiados com políticas sociais, além das previstas em lei.

Muitos desses líderes sindicais garantem que, se não fosse a sua presença nas organizações, estas não tinham prosperado. É o caso de Silvestre, que lembra ter encontrado uma casa caindo no lugar do prédio de três andares que hoje abriga a sede do sindicato. “Levamos 9 anos para trazer os trabalhadores de volta e para reconstruir a sede que estava destruída”, diz, destacando que sua permanência está relacionada ao desejo dos sócios. “Até pensamos em sair, mas eles nos pedem para ficar”, explica o líder sindical.

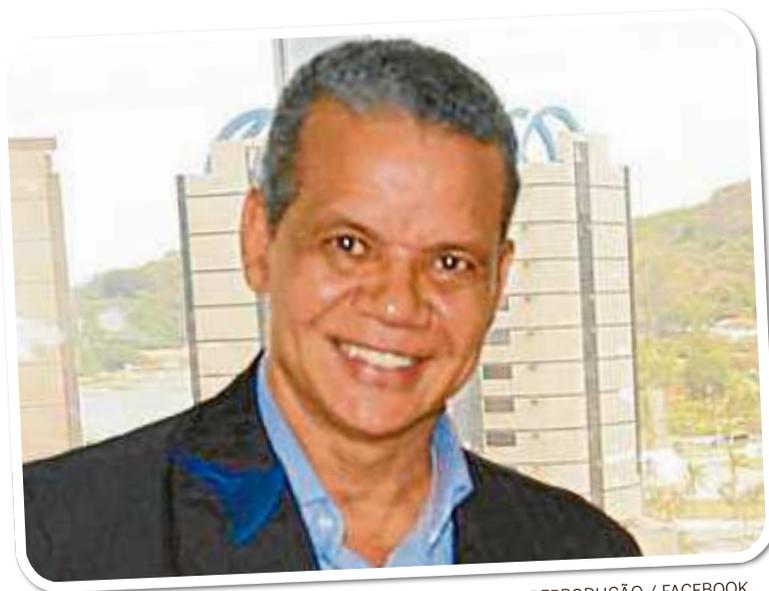
DIRIGENTES SINDICAIS SE ETERNIZAM NO PODER



Infográfico, no Gazeta Online, mostra a lista dos dirigentes

TRANSPARÊNCIA

Descobrir quem são os dirigentes sindicais e quanto tempo estão no poder não é uma tarefa fácil. Os dados são fornecidos na página do Ministério do Trabalho, porém é necessário abrir o cadastro de cada organização sindical para conhecer os membros da atual e das antigas gestões. Foi necessário construir um robô (aplicativo) para capturar os dados e tabelá-los. Mas antes de desvendar esse mistério sobre a diretoria dos sindicais, foi ainda preciso limpar os dados e tratá-los. Com o levantamento, o jornal descobriu que nem todo o passado sobre os sindicatos do Estado são disponibilizados pelo governo, que mantém em seu cadastro informações somente a partir de 1991. Também não foi possível conhecer a história de todas as instituições sindicais, pois apesar de solicitações feitas pela Lei de Acesso à Informação, o governo não informou a data de registro de cada organização.



REPRODUÇÃO / FACEBOOK

“NÃO ESTOU AQUI POR ACASO”

ODEILDO, QUE DIZ SER UM DOS MELHORES LÍDERES DO PAÍS, HÁ 25 ANOS É PRESIDENTE DE SINDICATO

« Foi na “sala da presidência”, onde comanda o seu “império”, que Jakson Andrade, presidente do Sindicato dos Comerciantes (Sindicomerciantes) recebeu a nossa equipe. É de lá que ele “administra como uma empresa” a organização sindical que possui aplicações no mercado financeiro, investimentos em terrenos e imóveis milionários, mantém recursos na poupança, possui 14 subseções no Estado – todas próprias – e um centro de ensino.

Por fora, o sindicato até que parece simples, mas por dentro tem “glamour” de grandes empresas. O espaço conta, inclusive, com lan house, para atender os comerciantes, e sala de descanso, com videogame para os funcionários. Tudo garantido por uma das maiores arrecadações com imposto sindical do Estado: R\$ 27 milhões em nove anos, sendo R\$ 4,4 milhões só em 2015.

Os recursos permitiram a mais recente aquisição, um terreno na Serra por R\$ 2 milhões, onde será construído um grande centro de lazer. Jakson ainda planeja a construção, em outra área, de um hotel, com hospedagem subsidiada para a categoria, garante.

Graças ao poder financeiro, o sindicato conseguiu expandir a representatividade e trouxe à tona questões polêmicas, como o fechamento das lojas aos domingos. Ao cobrar na Justiça que fossem pagos os direitos dos trabalhadores, fez com que as empresas ou pagassem o final de semana remunerado ou fechassem as lojas. Prova de força de uma categoria de mais de 120 mil trabalhadores.

Apesar de toda essa mobilização, o sindicato enfrenta o problema de não conseguir chegar com serviços e benefícios em várias cidades, deixando os trabalhadores sem cobertura. “O que será solucionado com a abertura de novos postos de atendimento e com o sindicato móvel, que percorre municípios sem sede”, diz Jakson.

O sindicato móvel tem ainda a finalidade de promover a fiscalização, que o próprio Jakson considera falha. Existem cidades, segundo ele, onde o sindi-



FERNANDO MADEIRA

Jakson disse que o sindicato móvel vai atuar em regiões onde o Sindicato dos Comerciantes não tem sede

20

DIRETORES

É o número de membros que diretorias de sindicatos do Estado chegam a ter

1.130

DIRIGENTES

É o número de dirigentes que ocupam cargos nos sindicatos há mais de 10 anos.

cato constatou que de cada cinco trabalhadores do comércio, dois não têm carteira assinada.

Há 21 anos no poder – 12 deles na presidência –, Jakson não é nada modesto quando fala da sua gestão. Diz que garantiu neste período estabilidade financeira e benefícios para a categoria, como planos de saúde, odontológico, auxílio-creche, entre outros. “Mas só permaneci na presidência porque era desejo da categoria. Agora é hora de sair”, desabafa. Ele não encontrou ainda um sucessor. E o mais difícil, não definiu se volta para a loja de calçados onde é funcionário faz 25 anos.

Reconhece que o sindicalismo é uma verdadeira faculdade sem diploma. “Quando aqui cheguei não conhecia nenhuma lei, não sabia nem o que era homologação”, finaliza Jakson.

OUTRO EXEMPLO

Foi em um luxuoso prédio na Enseada do Suá, de frente para a Baía de Vitória, que encontramos outro sindicalista com perfil de um homem de negócios: Odeildo Ribeiro, presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Hotéis, Bares e Restaurantes (Sintrahoteis) e da

Federação dos Trabalhadores em Turismo do Espírito Santo (Fetthes). Com três sedes na Grande Vitória, ele lidera um sindicato que está entre os dez que mais arrecadam no Estado e que tem até previdência social própria: com pensão vitalícia para trabalhadores incapacitados e benefícios natalidade.

Vaidoso, Ribeiro não poupa palavras ao elogiar sua administração, que já dura 25 anos. “Não sou igual aos líderes que estão por aí. Sou diferente no modo de fazer política trabalhista e de administrar. Não estou aqui por acaso”, assinala o fundador do sindicato, que diz ter usado “120 mil reais” do próprio bolso para iniciar a instituição.

A categoria, relata Ribeiro, estava desorganizada e não era bem atendida pelos sindicatos que existiam na época. “Os trabalhadores estavam à deriva”. Com o tempo, sob a sua batuta, diz, conseguiu atender às demandas trabalhistas sem ir à Justiça e garantiu benefícios. Entre eles, o direito aos garçons a 100% das gorjetas, antes divididas com os patrões. “Dizem que sou um dos melhores administradores sindicais do país”, declara o líder, que ainda conta ter arranjado tempo para contribuir para a

“

Conseguimos muitos avanços, mas só permaneci na presidência porque era desejo da categoria. Agora é hora de sair”

— **JAKSON ANDRADE**
PRESIDENTE DO SINDICOMERCÍARIOS

formação de outros sindicatos.

Na avaliação de Odeildo, a renovação das lideranças sindicais nem sempre é algo que atende aos anseios da categoria. Vai mais longe ao falar que, se existe chapa única, é porque o trabalhador está satisfeito e que muitos sindicatos usam chapas fantasmas para mascarar uma oposição. “Quando tem um homem bom no governo não tem um porque mudar”, resume ao ser questionado se tentaria reeleição.

Sobre o seu passado, conta que trabalhou um ano como maitre, mas desde que assumiu a liderança do sindicato enfrentou problemas, incluindo ameaças de mortes, resultado das conquistas garantidas para a categoria.

AS REGALIAS

▼ Estabilidade provisória

O artigo 543 da CLT proíbe a dispensa sem justa causa do dirigente nem transferido para outro setor longe das atividades sindicais.

▼ Licença do trabalho

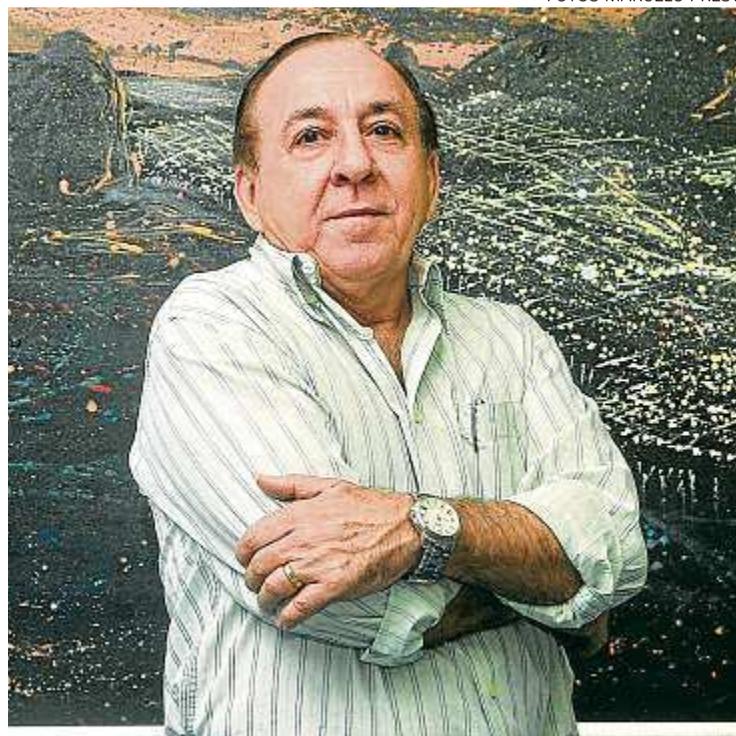
A lei ainda garante ao dirigente não apenas o afastamento do trabalho para o exercício das atividades sindicais.

▼ Status de representatividade

Já os líderes de sindicatos patronais representam a categoria não apenas no setor trabalhista, mas até na esfera política, indo em busca de atender aos interesses das empresas.



José Lino Sepulcri, da Fecomércio, diz que a permanência no cargo lhe abriu novas portas



João Elvécio Faé defende que a renovação é importante

DÉCADAS DE LIDERANÇA

PROVOCAM POLEMICA

O QUE PARA ALGUNS É DITADURA, PARA OUTROS SIGNIFICA UMA BOA GESTÃO

« Oxigenar os sindicatos, para líderes patronais e trabalhistas, não significa necessariamente uma troca de gestão. Alguns dirigentes afirmam ser por causa dessa continuidade que foi possível desenvolver uma série de projetos e proporcionar conquistas para a categoria.

Um exemplo vem do presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barra de São Francisco, Noroeste do Estado, Silvestre Ribeiro Souza Neto, que alega ter encontrado o sindicato, em 1989, com muitos débitos. “Até a sede do sindicato estava embargada, sem contar as dívidas com funcionários e com fornecedores. Levamos mais de três anos para quitar tudo”, relata.

PATRÕES

Não é diferente na área patronal. À frente da segunda instituição que mais recebe contribuição sindical, o presidente da Fecomércio, José Lino Sepulcri, explica que o envolvimento nas atividades do setor é um estímulo para qualquer líder. “Isso dá um gás para lutar pelos interesses da categoria”, relata ao afirmar ainda que a permanência dele deu visibilidade e abriu portas para participar de outras organizações, como a presidência



Para Aécio Leite, um líder não deve ficar para sempre no poder

do conselho do Sebrae/ES.

Sepulcri diz que tem sido escolhido por unanimidade para ser o administrador da federação, que representa milhares de empresas, e do Sinvepes por causa da aproximação com entes políticos e do seu perfil de unir o sistema. “Cheguei no sindicalismo ainda imaturo, mas com o tempo desenvolvi habilidades para lidar com órgãos públicos e criar ambiente favorável ao empresariado”, diz, citando,

como por exemplo, programas do governo que ajudaram a reduzir gastos das empresas.

Há 20 anos como presidente do Sindivarejista, João Elvécio Faé defende a renovação. “Fui ficando por falta de gente para assumir. Mas em março de 2018, quando termina este mandato, eu saio de qualquer jeito”, revela, acrescentando que “continuismo não é bom. Gente nova chega com boa vontade”, afirma o supermercadista que ainda

não encontrou um sucessor.

Uma das grandes marcas de seu mandato é o fato de ter conseguido romper as barreiras que havia entre patrões e empregados, permitindo que os dois lados convivesse em harmonia. Outra conquista obtida pelo sindicato junto com a federação foi ir em busca de novas tecnologias até em outros países.

Com uma história de 20 anos no sindicalismo, Aécio Leite, vereador da Serra e presidente da Fetraconmag, que representa oito categorias no setor de construção, é outro que defende a renovação. “Entendemos que deve ter rotatividade. Somos contra o líder se perpetuar eternamente no poder”, explica, lembrando que há revezamento na direção dos sindicatos, mas que também é aberto espaço para que líderes jovens tenham oportunidade. “A ideia é impedir que um presidente fique ali para sempre”.

Na avaliação de Aécio, há uma espécie de mercado sindical composto por pelegos. Gente que, segundo ele, aparece na categoria nas épocas da contribuição sindical. “O sindicato que tem representação faz um bom trabalho e muda a diretoria”.

Para o sindicalista Adilson Teixeira, presidente do Sindicato dos

Trabalhadores de Hotéis e Bares de Guarapari (Secohtuh, a resistência em abandonar o poder decorre das dificuldades da volta ao mercado de trabalho. “Quando você entra no sindicato passa a conhecer as leis trabalhistas. Se retornar ao trabalho, o diretor só tem estabilidade de um ano no emprego”, diz o dirigente, afastado há 27 anos do serviço para exercer as funções sindicais.

Ele explica que muitos diretores se renovam no poder em decorrência das perseguições das empresas. “Por isso muita gente não quer vir para cá. E depois que vem, não quer mais sair”. No período em que esteve na liderança, afirma ter conseguido oferecer aos associados e dependentes atendimento médico em seis especialidades. Sua meta agora é se aposentar. “Se sair o benefício, passo a presidência”. O mandato dele termina em 2018.

NA INTERNET

Veja vídeo e conteúdo interativo sobre o movimento sindical no gazetaonline.com.br

AMANHÃ

Fraudes e corrupção deixam feridas no sindicalismo